

Como na 110 Norte, os invasores se viram como podem

João da Silva: se instalou na 912 imediatamente

CORREIO BRAZILIENSE

20 F. - Invasão

10 SET 1987

Invasor vai para 912 Norte

Maioria era da 110 e muitos têm casa em Brasilinha

Enquanto o GDF discute a composição da Comissão de Combate à Proliferação de Favelas — criada por decreto há mais de dois meses, mas faltando nomear o coordenador — parte das famílias despejadas da 110 Norte está se instalando na 912 Norte com a mesma disposição usada na primeira. A maioria é de catadores de papel, alguns com casa própria em Brasilinha — em local afastado da Barrolândia onde foram assentadas as primeiras famílias. Os depósitos de papel e ferro velho, que atraem favelados, foram os primeiros a se instalar.

A ótica dos invasores é de que só conseguem sobreviver no Plano Piloto pela facilidade de trabalho. Pensam inclusive na criação de entidade que os proteja. Parte dos invasores contou com a colaboração das equipes da Terracap que fizeram a remoção há menos de um mês. A área onde os ex-ocupantes da 110 estão se instalando conta com moradores antigos, com mais de cinco anos, agora preocupados que uma operação do GDF possa atingi-los.

PAPELEIROS

O quadro que existia na 110 com barracas de lona misturadas a montes de papéis, garrafas, ferro velho e carinhos de mão repete-se na 912. Os catadores usam material que conseguiram resgatar na favela removida, aproveitando-se, como no caso de Joaquim Bernardo da Costa, dos caminhões da Terracap. Seu filho Juarez mo-

ra há quatro anos na 912, juntamente com a mulher e dois filhos. Tem barraco de madeira em meio a área cercada com arame farpado.

Joaquim disse que iria para a casa do filho, mas decidiu erguer sua própria barraca em local mais afastado. Ele, a mulher Luci e seis filhos dividem uma barraca coberta de lona, em espaço de 2 x 2m. Preferiu assim, “para não criar problemas”.

João da Silva, casado com Maria das Dores dos Santos e pai de 10 filhos, estabeleceu-se na 912 após ter ocupado área na 110 no dia seguinte à remoção. Não conseguiu ficar na 110 muito tempo. “Logo”, diz ele, “passaram o trator e tive que sair”. Tem casa própria em Brasilinha, na Quadra 2 Norte, MR 6, lote 41. Levou a mulher para lá juntamente com sete dos 10 filhos que ainda vivem com ele. Diz, orgulhoso, que a casa é de alvenaria, com laje, mas que “não dá para viver lá por não ter papel para catar”.

Vai em Brasilinha nos fins de semana, embora sábado e domingo sejam os melhores dias para trabalhar na cata de papel porque “o lixeiro não aparece”. Montou sua barraca de plástico e dorme ali juntamente com o filho Antônio José, de 25 anos. Para evitar surpresas, nos dias em que não pode montar guarda, desmancha a barraca e guarda o plástico e madeiras no carrinho, deixando o material na casa de um irmão na favela do Ceub. Queixa-se de que o local onde está fica distante dos

pontos onde recolhe papel, estando com idéia de “invadir mais para baixo, no rumo das 300 ou 100”. Acha que os papelleiros deviam se fortalecer, criando uma associação.

AJUDA

Seu trabalho “é importante já que ajuda a limpeza pública”. Não conhece apertos na vida de papelleiros pois quando falta dinheiro é só “rodar um pouco” que encontra o que vender no depósito, ganhando Cz\$ 500 ou Cz\$ 1 mil na hora. Tem seus segredos para aumentar os ganhos. Molha o papel antes de vende-lo para tornar os fardos mais pesados. O comprador já sabe disso e “dá o desconto na hora de pesar”. “O que não se pode fazer”, diz João da Silva, “é colocar pedra ou ferro junto com o papel. Há quem use, mas fica sujo”. O comprador identifica todos os fardos e descobre facilmente a fraude. Dai, deixa de comprar com o catador.

Outro papelleiro oriundo da 110 e instalado na 912 é João Pereira da Silva, pai de dois filhos, casado com Ivoneide Oliveira Silva. E também proprietário em Brasilinha, na Q 8, MR 1, lote 43. Usa o mesmo sistema de João da Silva. Instalou-se numa barraca de plástico, fez um “curral” para juntar papel e vai em casa esporadicamente. Como seu companheiro não admite deixar de trabalhar no Plano. Seu ponto principal é a SAB da 405, onde recolhe diariamente grande quantidade de caixas de papelão. O local preferido por João da Silva são as lixeiras da 104, 105 e 106 Norte.